

## O LUGAR E O FAZER CLÍNICO: UM RELATO PANDÊMICO

*The place and clinical practice: a pandemic report*

Milena Rodrigues Souza e Silva<sup>1</sup>

Francyjonison Custódio do Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO

No contexto pandêmico que o mundo vem enfrentando desde 2020, novas formas de relacionamento com o espaço foram criadas, afetando diretamente o modo de sermos e estarmos no mundo. Entre essas modificações, está a vivência do home office, que convocou diversos profissionais, inclusive psicólogos, a exercer sua atividade a partir de suas casas. Por meio de um diálogo com os conceitos de lugar e de lar, este artigo objetiva fazer um relato de experiência sobre clinicar em tempos de isolamento social, ao responder ao anseio de Buttimer (2015) de sair da postura de observador dos lugares e examinar as próprias experiências de lugaridade bem como se coloca na intercessão entre horizonte humanista da Geografia e a psicologia clínica. No relato, percebemos como o lugar e o lar impactam o fazer clínico, na redescoberta de que a clínica não diz de um espaço físico, mas de uma disposição em ser abrigo existencial.

**Palavras-chave:** Lar. Lugaridade. Setting terapêutico.

### ABSTRACT

In the pandemic context that the world has been facing since 2020, new ways of relating to space have been created, affecting our way of being in the world. Among these modifications is the experience of the home office, which has summoned many professionals, including psychologists, to exercise their activity from their homes. Through a dialogue with the concepts of place and home, this article aims to report an experience about clinical practice in times of social isolation, responding to Buttimer's (2015) desire to leave the posture of observer of places and examine one's own experiences of placeness, as well as placing oneself in the intersection between the humanist horizon of Geography and clinical psychology. In the report, we realize how place and home impact the clinical practice, in the rediscovery that the clinic does not say a physical space, but a willingness to be an existential shelter.

**Keywords:** Home. Placeness. Therapeutic setting.

<sup>1</sup> Pós-Graduada em Psicologia Familiar da Faculdade Mar Atlântico. milena\_cnrss@hotmail.com

✉ Rua Dr. Poty Nóbrega, 1946, Sala 802 - Lagoa Nova, Natal - RN, 59056-180

<sup>2</sup> Professor da SEEC/RN. jonisoncustodio@hotmail.com

✉ Av. Sen. Salgado Filho, s/n - Lagoa Nova, Natal - RN, 59064-901

## INTRODUÇÃO

A existência humana, de acordo com o referencial teórico fenomenológico-existencial, é sempre temporal e espacial (BELO, 2014). Numa perspectiva geográfica, a compreensão de que o espaço geográfico – e todos seus níveis de escala, como sugere Tuan (2013) – como o lócus da existência humana é essencial. Com efeito, a existência humana afeta e é afetada pelos mais variados acontecimentos do tempo presente e pelo espaço que circunda o ser, ou melhor, pelas “instâncias” que o ser espacializa. Assim, o contexto pandêmico afetou todos os âmbitos da sociedade contemporânea e impulsionou remodelações nas formas de relacionamento consigo mesmo, com os outros e, por consequência, com o espaço (MEDEIROS, 2020).

Dessa forma, discussões sobre as questões geográficas se acentuaram, desde o fechamento de fronteiras, passando pela consequente suspensão de fluxos migratórios e a diminuição da circulação no ambiente urbano até o isolamento social (e as estratégias para efetivá-lo ou negá-lo). Aliás, este último aspecto – o isolamento social – promoveu mudanças no fazer clínico. Profissionais que até então trabalhavam, de forma exclusiva, com atendimentos presenciais passaram a optar por uma transição para os atendimentos nas plataformas digitais.

Assim, dentre vários desses profissionais, estão os psicólogos que, habituados a realizar seu fazer clínico num setting terapêutico externo, foram convocados a migrar para os atendimentos em regime de home office, geralmente realizados na própria casa – em cômodos preparados para este fim ou não.

Investigar este movimento de mudança de espaço laboral para a casa, espaço atravessado por afetividades, é pertinente por diversos

fatores: a) há tempos, a Geografia percebeu sua potencialidade de dialogar com outras ciências, numa relação de “exportação” e “importação” de conceitos e métodos que favorece seu próprio enriquecimento e também das ciências que dialogam com ela (SAUER, 2000); b) a partir do horizonte humanista da Geografia, as diversas escalas de experiência geográfica são valorizadas como estruturas de compreensão da terra como lar dos seres humanos (CLAVAL, 2010); c) se desvencilhar de nossos antigos modelos de pesquisa, que impulsiona a postura do observador dos lugares, e examinar as próprias experiências de lugaridade é um objetivo válido para as ciências humanas que refletem sobre o espaço (BUTTIMER, 2015); d) as novas formas de relação mediadas por telas e/ou plataformas de comunicação têm encontrado na Geografia um terreno frutífero para sua compreensão e vice-versa (BERNARDES, SPÓSITO, 2009; MOREIRA NETO, 2019); e) o tempo atual é marcado pelas relações de afeto e pertencimento e as oportunidades de investigar estas comunhões emocionais são vitais para compreender a contemporaneidade (MAFFESOLI, 2014); f) tanto o horizonte humanista da Geografia como a Psicologia Clínica encontram na fenomenologia um aporte para a compreensão do mundo, sobretudo a partir dos conceitos de lugar e de ser-no-mundo (MARANDOLA JR., 2012; GOTO, 2013).

Diante disso, este trabalho se propõe pensar a respeito das repercussões da transição dos atendimentos clínicos do modo presencial para o modo remoto em home office durante o período de isolamento social provocado pela covid-19. Para tanto, ele promove diálogos com os conceitos de lugar e de lar, no horizonte humanista da Geografia, articulando-os com um relato de experiência sobre clinicar em tempos de isolamento social, privilegiando o olhar da profissional de Psicologia.

### LAR E LUGARIDADE: DIMENSÕES EXISTENCIAIS DO ESPAÇO

O horizonte humanista da Geografia fez emergir novas questões no seu *corpus* científico na segunda metade do século XX, consolidando, efetivamente, o movimento de pluralidade temática. Reanimado por novos postulados filosóficos, este horizonte proporcionou uma mudança nas agendas de pesquisa, priorizando a experiência geográfica dos seres humanos (CLAVAL, 2014). Uma das mudanças mais visíveis foi a remodelação de conceitos geográficos bem como a inserção de novos conceitos que iluminassem a realidade a partir de pressupostos coadunados com os referenciais filosóficos da fenomenologia e do existencialismo (HOLZER, 2016).

É nesse contexto que o conceito lugar foi revalorizado na Geografia. Mesmo sempre estando presente na constelação de conceitos da ciência geográfica, ele ganhou proeminência e nova potencialidade com os estudos sobre afetos espaciais bem como com a imersão em discussões existencialistas e fenomenológicas, pois passou a ser compreendido como fenômeno da experiência e não mais sob a égide da linguagem de um mundo newtoniano (RELPH, 2012; BUTTIMER, 2015). De fato, este conceito ganhou destaque ao proporcionar uma maior compreensão das relações entre os locais e das pessoas com o espaço, posto que as reflexões fenomenológicas propiciaram o aprofundamento do sentido do lugar como experiência geográfica (MARANDOLA JR., 2012). O conceito de lugar não foi o único a ser remodelado. Além dele e dos conceitos de região e espaço, o mesmo sentido de valorização vale para suas noções satélites, tais como lar, casa, topofilia, lugar-sem-lugaridade, entre outros (CLAVAL, 2010; RELPH, 2012; TUAN, 2012, 2013). Tal valorização adquire impulso devido ao fato de o conceito de lugar ser essencialmente dialógico e

possibilitar contatos com outras áreas do saber, como a Teoria Social, a Filosofia, a Arquitetura, as Artes e, no nosso caso, a Psicologia.

Apesar dessa valorização, pontua Relph (2012), o interesse pelo lugar se restringiu inicialmente aos geógrafos humanistas e alguns estudiosos da Psicologia ambiental e da Arquitetura até meados da década de 1990. Depois disso, a atenção pelo conceito se expandiu e ele, inclusive, foi objeto de críticas, o que gerou novas interpretações, novas problematizações, novas conceitualizações e novas aplicações (MELLO, 2012). A título de explicação, somente Relph (2012) elenca inúmeras interpretações e aplicações para o lugar, tais como reunião, como enraizamento, como lar, como interioridade, como fisionomia, como localização, como díade exclusão/inclusão, entre outras. Atualmente, essas interpretações são variadas, abarcando desde questões socioambientais até questões sociopolíticas como a formação da cidadania (SANTOS, 1994; NOGUÉ; RUFÍ, 2006; RELPH, 2012; MARANDOLA JR., 2017).

Não obstante tudo isso, frisa-se que, na remodelação proposta pelo horizonte humanista, o lugar perdeu a dimensão meramente locacional que a Geografia Moderna moldou e passou a ser compreendido de diversas maneiras, mas sempre sob uma perspectiva centrada na experiência. Assim, desde a noção de lugar como um centro de significado, passando àquela de parte do espaço geográfico que possui um valor, seja comunitária ou individualmente, até a concepção de lugar como espaço eivado de afetividades, o conceito ganhou interpretações voltadas para o mundo da vida (MARANDOLA JR., 2012; RELPH, 2012; TUAN, 2012, 2013).

Essas últimas interpretações preconizam que o ser humano possui, permanentemente, uma conexão com o espaço. Afinal, nele vive e somente nele pode realizar sua existência. Assim, tal conectividade é inescapável e o sentimento por tal espaço, o lugar, idem. O ser humano

é sempre ser-no-lugar; é inevitável a localidade do ser (SEAMON, 2017). A lugaridade, a localidade do ser sempre está presente, ainda que numa espécie de gradação, na qual, de um lado, está o lugar em toda sua potencialidade e, do outro, o lugar-sem-lugaridade (RELPH, 2012).

Ao pensar o conceito de lugar como reunião, Relph (2012), bebendo do filósofo Jeff Malpas, explica que, em sentido geográfico, ele – o lugar – reúne várias dimensões, tais como atividades econômicas e sociais, fisionomia, história local e seus significados. Já no sentido psicológico, a reunião integra o corpo, o estado de bem-estar, experiências ambientais, a imaginação bem como o envolvimento com outras pessoas. Assim, a noção de lugar como reunião é totalizante no que sentido de levar em consideração todos os âmbitos da vida humana, da existência. Esses âmbitos, separados apenas didaticamente para melhor compreensão do leitor, configuram o lugar.

Relph (2012), ainda, comenta como a essência do lugar está ligada a capacidade dos seres humanos apreciarem os lugares e apreender suas qualidades; seria, então, uma espécie de bem-estar num determinado espaço. De certa maneira, essa compreensão está ligada ao conceito de topofilia de Yi-Fu Tuan (2012). Conceito criado pelo filósofo Gaston Bachelard e, ao menos no campo geográfico, popularizado por Tuan. Ou melhor, de certa maneira, Tuan (2012) reatualiza o conceito, com uma forte consistência teórica. Para este geógrafo sino-americano, de fato, topofilia é “um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material” (TUAN, 2012, p. 136). Indo a sua origem etimológica, pode-se conceber que topofilia significa “o amor por um lugar” e, de certo modo, tal concepção resume muito bem o sentido que Tuan quis conferir ao conceito.

No entendimento tuaniano de lugar, o valor atribuído ao espaço, o que configuraria o conceito, é adquirido por meio de uma experiência com este mesmo espaço. Desse modo, no trabalho de Tuan (2013), os conceitos de espaço e lugar estão, de certa forma, totalmente interligados. O que é coerente na sua obra, aliás. De fato, o próprio Tuan (2012) explica que ele compreende o mundo de forma binária, o que proporciona a criação e/ou utilização de conceitos que jogam luzes em outros, isto é, trabalhando sempre de maneira complementar – pois os binários não são vistos como opostos (PÁDUA, 2013).

Tuan (2013), realmente, mobiliza continuamente os conceitos de lugar e espaço. No seu entendimento, eles são indissociáveis. Compreende-se o lugar à luz do espaço e vice-versa. Enquanto o primeiro está associado à ideia de pausa, segurança e estabilidade, o segundo está vinculado ao movimento, à amplitude e à liberdade. Interessante notar ainda que, diferentemente do que se é apregoadado, Tuan (2013) não supervaloriza o lugar em detrimento de outras categorias. Pelo contrário, reconhece a potencialidade de ambos para explicar a existência humana e defende que ambos – espaço e lugar – podem ter visões negativas ou positivas.

Assim, no desenvolvimento tuaniano do conceito de lugar, encontramos sempre o espaço. Seja pensando o lugar como espaço fechado e humanizado ou afirmando que o espaço se transforma em lugar à medida que é conhecido mais profundamente e dotado de valor, de significações. Desse modo, um espaço com o qual se ganha constância é revestido de afetividade. Daí um desdobramento claro do pensamento tuaniano: o tempo é vital na construção do lugar. Afinal, há um acréscimo de afetos e de pertencimento ao passar do tempo, Experiências repetidas dia após dia e ao longo dos anos, pontua Tuan (2013), forjam lugares.

É justamente por isso que o lugar está ligado ao passado, a experiências anteriores que vão se acumulando e se fortalecendo. Efetivamente, “[...] a familiaridade é uma característica do passado.” (TUAN, 2013, p. 158). Assim, uma constante sinergia de sons, cheiros, sabores, ritmos do cotidiano, vistas singulares e experiências táteis proporciona o surgimento do lugar. Isto, porém, não é uma espécie de dogma e uma experiência forte e fugaz pode também gerar afetividades e forjar lugares.

Outra questão pertinente levantada por Tuan (2013) é a noção de que o lugar não implica em imobilidade, num permanecer sempre preso a uma localidade específica. Pelo contrário, no entendimento dele, é necessária certa mobilidade para se compreender o lugar em que se vive. O ser confinado no lugar não tem a mesma consciência de sua afetividade por ele do que aquele que experencia outros locais, deambula por outros espaços. Perder o lugar é, ironicamente, ter a consciência de ter um lugar. Somente os desenraizados sabem que um dia foram “lugarizados”.

É sobre este aspecto que Buttimer (2015), aliás, comenta como o anseio pelo lar provocou uma miríade de expressões de sentimentos sobre lugares e suas identidades ao longo do século XX na Europa. Com efeito, os valores ligados ao lugar, explica a autora irlandesa, não são levados à consciência até que sejam ameaçados, posto que, apesar de serem valorizados, são parte do ritmo da vida cotidiana e já são presumidos nas suas rotinas (BUTTIMER, 2015).

No entendimento de Tuan (2012), a apreciação pelos lugares surge das experiências com eles, inclusive, aquelas que se baseiam nos sentidos humanos. Mas o sentimento despertado pode ser mais forte se aquele espaço experienciado é compreendido como um “palco” de acontecimentos marcantes, posto que as lembranças são vitais na construção desse sentimento pelo lugar.

As lembranças são, de fato, forjadoras de afetos. Para o autor, ainda, lugares de menor escala, como um quarto ou uma casa, são mais propícias ao sentimento topofílico, pois, por causa das capacidades limitadas dos seres humanos, o sentimento de bem-estar necessita de um tamanho não muito extenso para se concretizar. Com efeito, pontua o geógrafo, a topofilia “[...] soa falsa quando é manifestada em um grande território” (TUAN, 2012, p. 147). Afinal, experimentar um dado espaço é vital para se manter vínculos de afeição.

Outro ponto interessante é que, para o autor sino-americano, a topofilia está diretamente relacionada com a ideia de lar. Os seres humanos não reificam completamente a experiência geográfica. Eles são sensíveis ao espaço; este último, por sua vez, nunca é neutro, amorfo, isotrópico. A humanidade, relembram Claval (2010) e Tuan (2013), têm nele uma moradia, uma habitação; fazem dele uma casa. Pensar o mundo como morada dos homens, aliás, não é uma ideia nova (BRUNHES, 1962), mas, no seio da Geografia contemporânea, esta ideia é potencializada devido aos referenciais dos geógrafos ligados ao horizonte humanista.

O lar, de modo geral, está associado à familiaridade, a uma proximidade. Tuan (2012), trabalhando novamente em binários complementares, pensa o conceito de lar a partir da noção de mundo. O primeiro seria, então, um invólucro que, com sua familiaridade, protege das adversidades do segundo. Desse modo, o lar é uma necessidade humana e está revestido, assim como o lugar, por uma carga sentimental, por afetividades profundas (TUAN, 2012). Esta espécie de apego a um lugar por ser familiar, uma alegria por conhecer cada coisa traduz o que é o lar. Para Tuan, aliás, o lar é um tipo de lugar, mas eles não se confundem (PÁDUA, 2013). O lar, por exemplo, pode ter muitos lugares: um quarto, uma poltrona no escritório, que é



## O Lugar e o fazer clínico: um relato pandêmico

Milena Rodrigues Souza e Silva e Francijonison Custódio do Nascimento

o local de leitura; uma rede ou uma cadeira na varanda; uma porção do jardim com plantas específicas; uma mesa, na qual a família se reúne para o almoço dominical, etc.

O lar, então, é sempre compreendido no sentido de segurança, de refúgio e é perspectivado como um centro de valores com aspectos familiares. No entendimento do geógrafo sino-americano, explica Pádua (2013), a ideia de lar ocupa uma posição central na Geografia, e na medida em que os geógrafos se afastam dessa ideia, eles se deslocam do núcleo de seu campo, que pretende investigar as experiências humanas sobre a terra. Tuan ainda compreende que o lar é vital na existência humana e nossas experiências, de uma maneira outra, se voltam para ele. De fato, o lar é o ponto de chegada e de partida de todo ser humano em suas atividades cotidianas e o mundo humano é concebido com o lar presente no centro. Entretanto, ele não se resume a uma dimensão material; é, acima de tudo, permeado por questões simbólicas (PÁDUA, 2013).

Buttimer (2015) também colabora para o entendimento do lar. Muitos chegam a encarnar suas imagens de “lar” na vida social e política como também em suas escolhas de trabalho, vida e padrões de lazer. O sentimento de lar se espalha por toda a vida dos seres humanos. Assim como Tuan (2012), Buttimer (2015) pensa o lar juntamente com outra noção, num contexto de dois movimentos que são recíprocos:

A reciprocidade vivida de descanso e movimento, território e horizontes de alcance, segurança e aventura, serviço doméstico e pecuária, criação de comunidades e organização social – estas experiências podem ser universais entre os habitantes do Planeta Terra (BUTTNER, 2015, p. 8).

Na sua compreensão, os dois movimentos se configuram no lar e no horizonte de alcance orientado para fora desse lar. O primeiro,

nossa preocupação, diz respeito a quão bem um lugar é um centro de interesse da vida do indivíduo. Longe de uma superfície topológica, o lar é fruto de uma ligação espacial, que está associada a tranquilidade, a um fluxo rítmico de estabilidade (BUTTNER, 2015). Nesse sentido, coisas simples como descansar no sofá depois do trabalho, assistir televisão com a família, pegar o ônibus sempre no mesmo horário ou ir à igreja podem compor o ritmo que constrói o lar.

Essa ideia de lar também está relacionada à de casa. Com efeito, ambas possuem o mesmo sentido de aconchego, de pertencimento, de proteção (CLAVAL, 2010). No seu sentido bachelardiano:

[...] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela. (BACHELARD, 1984, p. 200).

A casa, efetivamente, está relacionada às afetividades, à proteção. Não se resume a um sentimento de posse, mas está vinculada a este caráter existencial de ser o ponto a partir do qual nos relacionamos com o mundo primeiramente. É um grande berço, para utilizar a metáfora bachelardiana. É nela onde são guardados os tesouros da memória, as lembranças marcantes da infância e da vida toda – a vida que começa bem: protegida, agasalhada no seio de uma casa. Diante das contingências do mundo, ela transmite a sensação de segurança ao ser humano; é algo que protege seu eu (BACHELARD, 1984).

É na casa, pontua Claval (2010), que o ser humano aprende o que é ser amado, cercado de carinho, de atenção e de cuidados. A casa é o lugar onde se descobre a relação com o mundo, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, invólucro do mundo – local onde se pode se resguardar das intempéries da vida, das dificuldades, físicas ou psicológicas, da

realidade. É o lugar de proteção, por excelência, onde a segurança aparece com mais vigor e onde a vulnerabilidade tem menos poder. De fato, a casa é essa “[...] infinidade aconchegante de um refúgio” (MELLO, 2012, p. 38).

É justamente isso que Relph (2012) explica ao propor o lugar como interioridade. Esta última, pontua o autor canadense, remete-se sempre à familiaridade, ao conhecimento profundo do lugar de dentro para fora. Um exemplo marcante do lugar como interioridade são as relações de afeto pela casa.

A experiência da casa, do lar é tão forte que “todas as outras experiências de lugar são de alguma forma comparadas com nossa experiência de lar” (RELPH, 2012, p. 29). Desse modo, Relph (2012) faz coro a Yi-Fu Tuan ao demonstrar que o nosso mundo pode ser sempre comparado, associado ao lar. Também para discutir a noção de lar, Relph (2012) utiliza o pensamento de Malpas. Ambos os autores pensam o lar na sua ligação com o ser. O lar, então, não diz respeito apenas ao local onde o ser humano cresce e estabelece-se como pessoa, mas está relacionado àquilo que Malpas chama de proximidade do ser. Uma visão parecida com a Seamon (2019), para quem o ser, a estrutura ontológica, possui a centralidade nos estudos do lugar e do lar. Assim, a preocupação de Relph (2012) é, antes de tudo, de caráter ontológico:

Ser é a existência de todas as coisas, por isso proximidade do “ser” significa a consciência da abertura, totalidade e conectividade do mundo. Nesse sentido ontológico, o lar aparece por meio de lugares específicos, ainda que os transcenda. Está associado frequentemente ao lugar onde vivemos e crescemos, mas pode ser qualquer parte desde esteja enraizada num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo, levando em conta a diferenciação e a integridade d ser no mundo. O lar, e na verdade todo lugar, não é delimitado por limites precisamente definidos, mas, no sentido de ser foco de intensas experiências, é

ao mesmo tempo sem limites. Ligar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo (RELPH, 2012, p. 29).

Assim sendo, o lar, assim como o lugar, não pode ser concebido como uma estância puramente locacional, com início e fim determinados. De igual modo, por significar proximidade do ser, o lar não pode ser resumido a um ponto específico, com coordenadas geográficas fixamente estabelecidas, numa compreensão imobilista, isto é, que implica imobilidade, como já destacado por Tuan (2013). Ele não se dissipa com um simples deslocamento. O lar é interiorizado e, justamente devido a isso, também pode estar longe, a metros ou quilômetros de distância, desde que neste ponto exista algo de significativo (RELPH, 2012). Não é rara, aliás, a experiência de se sentir no lar há uma boa distância de casa. É por isso que Relph (2012) discorre sobre como a experiência do lar também é uma abertura para o mundo, para o estabelecimento de conexão com este próprio mundo por meio de experiências espaciais e dos significados que são gestados nestas experiências. Daí pensar que viver num lar demanda também responsabilidade, cuidado com ele e com o mundo em volta.

O lar e o lugar, então, são perspectivados como pontos de apoio e estabilidade diante da instabilidade do mundo extra-casa; eles são também repositórios de memórias e afetos. O lugar, mais propriamente, como fruto de uma experiência e centro de significado existencial, não é meramente objetivo, quantificável (RELPH, 2012). O lugar, por consequência, não é um dado pronto, acabado. Ele é construído e permanece em eterna (re)construção à medida que é experienciado, seja presencialmente ou até mesmo na memória. Ele, de veras, é construído, recriado pelas pessoas que nele vivem e a ele conferem diversos significados (BUTTIMER, 2015). Além disso,

acrescenta Relph (2012) o lugar, por possuir uma essência, nunca se esgota, pois, mesmo que o tempo passe e as características fisiográficas do lugar se alterem, o sentimento pode permanecer, já que as experiências espaciais e os sentimentos que delas surgem resistem ao tempo. O lugar, portanto, implica continuidade (TUAN, 2013).

De modo geral, então, pode-se dizer que o lugar é concebido como lócus de afetividade e centro existencial de significado. É uma reunião de significados espaciais, dimensão significativa do mundo da vida. É um microcosmo de onde o ser humano se relaciona, inclusive afetivamente, com o mundo e este último com o ser humano em sua completude – a mente e o coração, o corpo e o espírito, a imaginação e a vontade (RELPH, 2012; TUAN, 2013; BUTTIMER, 2015; SEAMON, 2019). Tendo exposto essa riqueza conceitual do lugar e do lar e seguindo o exemplo de Buttimer (2015), para quem é importante investigar as próprias experiências de lugaridade, vamos ao relato.

#### CLINICAR NOS ESPAÇOS DE AFETOS: UM RELATO

Diante de tantas mudanças que eu também vivi como psicóloga clínica, algumas questões começaram a me acompanhar, frutos da minha experiência como psicoterapeuta realizando atendimentos exclusivamente online e em home office em tempos de pandemia. Para além de tantas transformações vividas num cenário pandêmico, o meu quarto também se tornou o espaço de trabalho. O espaço que até então se destinava ao descanso e à minha intimidade se tornou também o espaço no qual o fazer clínico pôde encontrar morada e dar acolhida a tantas e tantas histórias de cada cliente que pude acompanhar neste período.

Desta forma, ao mudar a localização geográfica do consultório, o meio pelo qual os atendimentos passaram a acontecer e até mesmo os seus elementos físicos, há uma interferência no psicólogo e conseqüentemente no seu fazer como profissional. A psicogeografia, aliás, há tempos já discute como o ambiente, o meio, age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos, sem cair numa espécie de determinismo geográfico (JACQUES, 2003). O fato é que o espaço laboral passou a coincidir com o meu lugar que, para a Geografia sob inspiração fenomenológica, significa uma relação afetiva e indissociável entre o ser humano e o espaço que o envolve, isto é, um ambiente revestido de afetividade e intimidade.

Desse modo, o meu fazer clínico também foi atingido por todas as mudanças deste horizonte histórico. Eu, assim como muitos profissionais, que até então trabalhava exclusivamente com os atendimentos presenciais, me vi convocada a uma transição para os atendimentos online. Sem falar de todas as mudanças que o mundo passava – o deserto nas ruas e prédios, escolas e faculdades paradas, bares, boates e restaurantes fechados, as questões econômicas e, fatalmente, as cenas dantescas do colapso da saúde pública e privada – a minha vivência pessoal, a nível espacial, também foi alterada.

Assim, a crise planetária também promoveu mudanças a nível local. Ambas as instâncias, inclusive, nunca estiveram tão interligadas e a dualidade mundo-lugar ou local-global não se sustenta. Afinal, como afirma Milton Santos (2006), não se pode correr o risco de nos perder em uma simplificação cega e dualista ao ter uma postura meramente localista, pois todos os lugares podem ser virtualmente mundiais e cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, pode também, irrecusavelmente, ser diferente dos demais.



## O Lugar e o fazer clínico: um relato pandêmico

Milena Rodrigues Souza e Silva e Francijonison Custódio do Nascimento

A verdade é que, como assegura Relph (2012), estar ligado afetivamente a um local específico não nos faz esquecer do mundo. Pelo contrário, o lugar sugere uma abertura para o mundo também e, portanto, para suas dores, suas crises, suas angústias, como é a situação pandêmica. De fato, o lugar é onde cada ser humano se relaciona com o mundo como também onde o mundo se relaciona com cada ser. O que acontece nos meus lugares implica, de certo modo, no mundo inteiro e o contrário também é verdadeiro – e mais fácil de compreender: o que acontece no mundo implica diretamente no meu lugar. E este movimento dinâmico – dialético, diria Milton Santos (2006) – é essencialmente existencial.

A pandemia, então, se instalou e com ela as mudanças que experimentamos nos modos de relação uns com os outros, com o mundo, com a saúde e com o adoecimento, na rotina e no próprio trabalho. Tudo aquilo que era, até então, familiar para mim foi modificado. No âmbito profissional, passei a ser uma psicoterapeuta realizando atendimentos exclusivamente online e em home office.

Não foi uma mudança trivial. Mesmo sabendo que a escuta clínica é uma atitude, que o setting terapêutico, por estar baseado num vínculo terapêutico e numa compreensão empática, está muito além das quatro paredes do consultório e que transcende as estruturas arquitetônicas, o fato é que eu estava habituada ao atendimento num setting terapêutico externo, numa clínica tradicional. Compreender este movimento foi vital para o meu fazer clínico, posto que o terapeuta necessita atentar à experiência do paciente (ou cliente) e, concomitantemente, estar atento à sua própria existência (HYCNER, 1995). Apesar de Hycner (1995) não comungar do horizonte da Fenomenologia, a sua ponderação não deixa de ser verdadeira: atentar para a própria existência é vital no fazer clínico. Se, para a clínica fenomenológico-existencial, o ser

humano é perspectivado como constante fazer-se em relação ao mundo, no qual o *a priori* não tem lugar, o fazer clínico também abarca este fazer-se circunstanciado. De fato, o “ser-no-mundo-com-o-outro” implica e contempla o “ser-no-mundo”; em outras palavras, o “ser-com”, inescapavelmente, é inerente à constituição fundamental da existência como “ser-no-mundo (LESSA; SÁ, 2006).

Na minha circunstancialidade, após seis anos morando sozinha em Natal/RN, voltei para a casa dos meus pais, localizada em Ceará-Mirim, na região metropolitana de Natal. Voltei para a casa da minha infância, para onde moravam meus familiares mais próximos, para o local pelo qual nutria e ainda nutro uma afetividade específica, o sentimento de lar. Num tempo de incertezas e angústias, como é o período pandêmico, voltar para o lar, onde a segurança se manifesta com mais vigor e onde a vulnerabilidade parece se dissolver, foi preciso. No que diz respeito à vivência do fazer clínico, entreguei a sala alugada na qual realizava os atendimentos e o meu quarto, se tornou o espaço de trabalho. Não um espaço banal, não um lugar-sem-lugaridade, isento de memórias afetivas, mas o lugar que, como já citado, é a infinidade aconchegante de um refúgio (RELPH, 2012; MELLO, 2012).

De fato, era o mesmo quarto que, durante os anos em que morei fora da casa dos meus pais, foi destinado ao descanso e à minha intimidade nos finais de semana, quando retornava para visitá-los. Foi ele que se tornou também o espaço no qual o fazer clínico pôde encontrar morada e dar acolhida a tantas e tantas histórias de cada cliente que eu pude acompanhar neste período.

Este mesmo quarto que, na adolescência, era o espaço de refúgio para as minhas angústias e dilemas existenciais, espaço em que a solidão e as lágrimas tantas vezes me fizeram companhia. E que também agora, na vida adulta, me fizeram companhia após eu

ter perdido o meu pai durante a pandemia. Este quarto, que foi testemunha de momentos marcantes da minha vida, passou a ser o espaço do trabalho. Assim, o espaço laboral passou a coincidir com o meu lugar por excelência - aquele espaço no qual a lugaridade é plena (RELPH, 2012) – e justamente por isso está repleta de relações afetivas e indissociáveis entre mim e ele.

Na verdade, o meu consultório sempre foi um lugar, pensando a partir da concepção fenomenológica-existencial da Geografia e, mais precisamente, da concepção de Edward Relph (2012) e de Yi-Fu Tuan (2012, 2013). Ele nunca foi um “não-lugar”, aludindo à concepção de Marc Augé. Não só porque a conectividade existencial ou a lugaridade são inescapáveis em qualquer ponto do mundo, como advogam Relph (2012) e Seamon (2017), mas porque ele também já era revestido de afetividade, posto que foi pensado como lócus de atenção e acolhimento. O consultório sempre foi um lugar, local de abrigar a existência, de convidar ao acolhimento aqueles que, de alguma maneira, sofrem. Local de desvelar intimidades, do ser-com, de visitar a imensidão da relação terapêutica, que é, antes de tudo, um encontro (LESSA; SÁ, 2006).

Agora, o quarto – enquanto consultório – ganha outras intimidades geográficas, convivências espaciais mais profundas do que qualquer uma que a sala alugada tinha ou pudesse ter. Trata-se de intimidades mais enraizadas, mais estabelecidas – moldadas por um tempo mais longo e por situações mais marcantes. Ele (o quarto) foi testemunha espacial de medos, alegrias, crises, angústias, vitórias, decisões que mudaram e mudam o curso da minha história. Não se trata mais de uma relação com um local em que a escuta clínica tinha horário fixo e dinâmica própria, habitado somente para o fazer terapêutico. No quarto, temos um lugar pleno, ampliado: um espaço que é reservatório

de lembranças, um relicário de afetos e memórias de quem eu sou (TUAN, 2013).

Desta forma, ao mudar a localização geográfica do consultório, o meio pelo qual os atendimentos passaram a acontecer e até mesmo os seus elementos físicos, o que acontece não é apenas uma mudança de coordenadas geográficas e de uma organização laboral. Há, agora, uma interferência em mim, psicoterapeuta, e conseqüentemente no meu fazer profissional. Clinicar no espaço do lar implica numa carga de sentimentos e atitudes que não seriam evocados noutro espaço. Como já dito, o fato de a psicoterapeuta ser impactada interfere também todo o processo terapêutico. A escuta, as proposições, as oposições e até mesmo o silêncio, elementos próprios da abertura do ser-aí (SÁ, 2019), são impactados. Assim, a lugaridade interfere no fazer clínico.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer clínico é atravessado por inúmeras condições. A lugaridade é uma delas. Com efeito, o acolhimento pode se espacializar, ou melhor, se lugarizar. Refletindo sobre o relato e ainda relatando, é possível apontar ainda que o saber-se lugarizada gerou impactos no fazer clínico e, por consequência, na minha existência – já que o dasein que sou não é dissociado do ser terapeuta. Assim, neste tempo pandêmico, redescobri que a clínica não diz de um espaço físico, mas de uma disposição para albergar, para ser abrigo existencial, isto é, de ser um lugar. Não apenas de promover um lugar ou abrir possibilidades para que o outro, no processo terapêutico, se sinta confortável, mas ser verdadeiramente um lugar. Igualmente, recordei – deixei passar novamente pelo coração – que a noção de

terapia como encontro afetivo na clínica fenomenológico-existencial é urgente.

Redescobri, ainda, que o espaço do quarto foi dotado de outros sentidos. Antes era somente o “meu” lugar, o lugar de refúgio para as minhas angústias, do meu descanso e de resguardar minha intimidade. A primeira pessoa do singular bradava. Agora, ao se tornar lugar de trabalho, ele se tornou o espaço no qual eu posso acolher as angústias de outras existências que tenho o privilégio de acompanhar. Assim, se a geograficidade, enquanto essência, expressa relação do ser-no-mundo (HOLZER, 2015), descobri que a lugaridade expressa a relação ser-no-mundo-com.

Além do mais, redescobri afetivamente, neste tempo pandêmico, que a presença, o desejo de caminhar juntos e ser abrigo para as dores e delícias existenciais de quem acompanho transcendem os limites geográficos, desde que haja em mim a abertura e a disponibilidade para tocar e sustentar a dor do outro que vem ao meu encontro. Desse modo, os prognósticos pessimistas da pandemia não foram tão unânimes (HAN, 2020). Em certa medida, não obstante toda dor e sofrimento, a crise da pandemia abriu-nos para o tempo da oportunidade, para o *kairós* grego. Cabe a nós não negligenciá-lo, se contentando como o “novo normal”, mas buscar o novo diferente (KRENAK, 2020).

Ademais, redescobri que a angústia, o medo, a finitude, o adoecimento, as dores... são tão dos pacientes/clientes quanto também meus, pois dizem de condições existenciais que compartilhamos. Este é o âmago do ser-com. Por esta razão eu posso ser afetada e ser, também, clareira – permitir que o outro encontre alguma clareza nos processos que trilhamos juntos e, desse modo, possibilite o potencial de desenvolvimento, de crescimento e da atualização do ser rumo à sua integração e à sua totalidade. Assim,

a lugaridade – o ser-no-mundo-com – interfere no fazer clínico, inclusive, potencializando-o.

Desse modo, a familiaridade do espaço convoca a uma abertura própria do “ser-no-mundo-com”. Diante da inospitalidade do mundo, optar por continuar fazendo da clínica um lugar é um imperativo não só ético do terapeuta, mas, sobretudo, a única forma de clinicar. Assim, ainda que a escolha para a vivência do fazer clínico em espaço de lugaridade forte não foi totalmente espontânea e sim contextual, ela não deixou de ser livre por ser reafirmada continuamente.

É interessante registrar também que o relato em questão pode ser o *start* para muitos questionamentos, que evocam tanto questões geográficas como psicológicas. Urge estudos mais aprofundados sobre a vivência domiciliar no período de isolamento social e que não sejam pontuais. A pandemia parece estar chegando ao seu fim, devido à vacinação e outras estratégias de combate à doença, mas seus efeitos tendem a ser mais duradouros. Ela, de fato, impactou profundamente o cotidiano e seus espaços. A experiência do luto, do lazer (*lives, games, etc.*), do estudo, do trabalho, dos relacionamentos a distância, da vivência religiosa: tudo isso se passou no seio do lar, na intimidade de quartos e de sofás de sala de estar. Parafraseando Massey (2008), pode-se falar de “estórias-somente-aqui” que o isolamento provocou ao reduzir todas as tarefas em poucos metros quadrados, num só local. As ressonâncias disto precisam, ainda, ser investigadas. No campo da Psicologia, por exemplo, pode-se indagar como o setting, enquanto lugar de controvérsias e de acolhimento, é influenciado diante do lugar de afeto; ou se a afetação sentida diante do lugar prejudica ou auxilia uma relação terapêutica autêntica, pautada no sentido de encontro, do ser-com.

Assim, pensar o quarto, lugar propício ao sentimento topofílico e revestido por uma carga sentimental, como lócus das “estórias-

## O Lugar e o fazer clínico: um relato pandêmico

Milena Rodrigues Souza e Silva e Francijonison Custódio do Nascimento

somente-aqui” possibilita muitas discussões. Discussões que, mesmo focalizando um fenômeno que interessa a chamada geografia das emoções (SILVA, 2018) e o horizonte humanista da Geografia como todo, pode ter seu raio investigativo e suas escalas ampliados para outras ciências e outras abordagens.

Por fim, convém lembrar que este relato, atravessado por reflexões geográficas, acaba por ser muito mais do que um gênero textual para a comunidade discursiva que é academia. É uma geografia em ato, uma geografia que atravessa, literalmente, a carne, o sangue e a alma; e, como tal, tem sempre um ser humano à frente (DARDEL, 2015). É uma escrita que, sob o ímpeto dos sentimentos aflorados, permite que deles surjam a possibilidade do conhecer, do investigar. É uma lembrança de que existem vidas por trás das escritas, que o cotidiano, com seus sabores e privilégios, tem lugar cativo nas reflexões geográficas e psicológicas. É uma pequena nota que a tentar ecoar o enunciado de que, à frente de toda ciência, há o humano. Um enunciado que advoga ainda pelo humanismo; aquele que diz: antes da Geografia e da Psicologia, há um ser humano a existir.

### REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Traduções de Joaquim José Moura Ramos... (et. Al.) – 2 ed., São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- BELO, Fernando. **Heidegger, pensador da terra**. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, LusoSofiaPress, 2011.
- BERNARDES, Antonio; SPOSITO, E. S. . Internet, ser e espaço: pressupostos de fenomenologia ontológica estrutural. **Formação** (Presidente Prudente), v. 1, p. 17-27, 2009.
- BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.
- CLAVAL, Paul. **A terra dos homens: a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOTO, Tommy. A. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**. v. 3, n. 2, p. 33-48, 2013.
- HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AGAMBEN, Giorgio. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo. (S.L.): Editorial ASPO, 2020.
- HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus.
- HOLZER, Werther. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. IN: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HOLZER, Werther. **Geografia Humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



LESSA, Jadir Machado; NOVAES DE SÁ, Roberto. A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 3, p. 393-397, jul. 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre Ontologia. MARANDOLA JR., E. J.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. xiii-xvii.

MARANDOLA JR., Eduardo. Morte e vida do lugar: experiência política da paisagem. **Pensando: Revista de filosofia**, v. 8, p. 33-50, 2017.

MEDEIROS, Jorge F. S. Por que pensar a Geografia em tempos de pandemia? IN: COUTO, Aiala C. O.; MENDES, Luiz A. S.. **Reflexões geográficas em tempos de pandemia**. Ananindeua: Itacaiúnas, 2020. p. 55-63.

MELLO, João Baptista F de. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 33-68.

MOREIRA NETO, H. F.. Ser-no-mundo on-line: a investigação geográfica do habitar contemporâneo. **Revista GEOgrafias**, v. 27, p. 55-77, 2019.

NOGUÉ, Joan; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

PÁDUA, Leticia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: essências e persistências. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia Física)

– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SÁ, Roberto Novaes. A temporalização da existência e a escuta clínica. **Arquivos do IPUB**, v. 1, n. 1, p. 176-187, 2019.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**. Niterói, Ano II, n. 4, 2000.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística? **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, v. 9, n.2, p. 147-168, 2017.

SEAMON, David. Uma maneira de ver as pessoas e o lugar: a fenomenologia na pesquisa do comportamento ambiental. **Geograficidade**, v. 9, n. 1, p. 4-28, 2019.

SILVA. Marcia A. S. da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.

Submetido em Agosto de 2022.

Revisado em Abril de 2023.

Aceito em Maio de 2023.